

O EFEITO FMI

O simples anúncio de que o Banco Central pode abastecer o mercado com dólares num montante de US\$ 3 bilhões ainda em março — muito além do valor das dívidas das empresas que vencem este mês no exterior — derrubou ontem a cotação do dólar. “É muita bala”, resumiu um operador, refletindo o temor de que o poder de fogo do BC, anunciado no acordo com o Fundo Monetário International (FMI), na segunda-feira, derrube a cotação do dólar nos próximos dias, trazendo prejuízos para quem apostou no contrário. No fechamento do mercado, o dólar era negociado a R\$ 1,89, uma queda de 4,55% em relação à véspera.

A moeda norte-americana poderá cair ainda mais porque o País começa a receber parte dos dólares dos organismos internacionais já prometidos. Portanto, teriam mais de US\$ 8 bilhões nos próximos quatro meses para intervir no mercado.

Só ontem, um dia depois de divulgado o novo acordo com o Fundo, o Banco Mundial (Bird) liberou US\$ 1,01 bilhão em dois contratos de empréstimos assinados pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan. Essa é a primeira parcela da participação do Bird (de US\$ 4,5 bilhões) no pacote de ajuda internacional de US\$ 41,5 bilhões. Malan informou que o dinheiro ingressará hoje no país.

O diretor de Política Monetária do Banco Central, Luiz Fernando Figueiredo, explicou que o dinheiro extra que entra hoje nas reservas brasileiras também poderá ser usado para intervenções no mercado de câmbio. É mais munição para o governo brasileiro conter a especulação, se for necessário.

A queda do dólar reflete uma lógica própria do mercado financeiro. A redefinição da política cambial vai dar mais liberdade para as instituições trabalharem, disse o vice-presidente do Bradesco, Antonio Bornia. A partir de agora, o BC estará pronto para intervir vendendo dólares quando as pressões de compra surgirem e as instituições não estiverem mais presas a um mercado com escassez de moeda.

Esse cenário já produziu efeitos positivos ontem, com muitos bancos aumentando o volume de posições vendidas, ou seja, tomando mais dólares no exterior para vender no Brasil, antes que o preço caia ainda mais. A idéia é obter ganhos enquanto a cotação está elevada.

Ao que tudo indica, porém, a queda foi reforçada pela atuação BC, que vendeu dólares para algumas instituições na faixa de R\$ 1,91 a R\$

Wanderlei Pozzembom



Nankani abraça Malan: “Não se trata apenas de uma crise interna, mas de uma crise econômica internacional. Estamos confiantes na recuperação do Brasil”

1,92. Um banco, pelo menos, confirmou que teria negociado com o BC. O Banco do Brasil, que costumeiramente vende dólares, ontem foi comprador, disseram operadores. Talvez para refazer seu caixa.

CAPITAIS

A velocidade de queda do dólar até os níveis de R\$ 1,70 fixados pelo governo no novo acordo com o FMI vai depender da volta do fluxo de capitais para o Brasil. O vice-presidente do Bradesco está otimista. No fim de março ou início de abril, ele acredita na retomada das linhas comerciais. Quanto às emissões privadas, ele argumentou que talvez leve um pouco mais de tempo, porque o problema, segundo Bornia, é mais de custo e nem tanto de oferta.

Além dos limites de vendas, outro ponto considerado importante pelo mercado para evitar os desequilíbrios nas cotações são os dados sobre as taxas médias de câmbio divulgadas

hoje. O economista-chefe do Banco Bilbao Vizcaya (BBV), Octavio de Barros, avaliou que a medida teve o objetivo de introduzir algum grau de previsibilidade no câmbio flutuante. “A intenção é dar um norte para o mercado, não se trata de meta ou de um número a ser perseguido pelo Banco Central.”

Outro sinal importante, disse, é indicar para os exportadores que o momento de fechar o câmbio é este porque a tendência da taxa é de declínio. Postergar a operação pode implicar numa receita menor

em reais. Isso ficou claro no comportamento do mercado futuro de câmbio. As projeções declinaram, mas não em velocidade suficiente para promover todos os realinhamentos indicados para que as hipóteses mensais utilizadas pela equipe econômica no Memorando Técnico.

Os efeitos da conclusão dos entendimentos do Brasil com o FMI começam a ser sentidos. Até o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, se manifestou sobre os entendimentos do Brasil com o FMI. O presidente Fer-

nando Henrique Cardoso recebeu ontem uma carta de Clinton em que dizia estar animado com o anúncio do acordo e na qual reafirmou seu apoio ao Brasil. Clinton elogiou a atuação de Fernando Henrique nesse momento de crise, afirmando que sua liderança é essencial, e disse ter certeza de que o presidente brasileiro atuará de forma “corajosa e efetiva”.

O diretor do Bird para o Brasil, Gobind Nankani, destacou que a instituição apóia os esforços do governo para superar a atual crise. “Não se trata apenas de uma crise interna, mas de uma crise econômica internacional que afetou fortemente o Brasil”, afirmou. “Estamos confiantes que o Brasil reiniciará um período de crescimento com estabilidade.” A primeira parcela do empréstimo do Bird será usada para reforçar as reservas e reduzir o déficit público. A segunda, de US\$ 252,5 milhões, será usada para gastos nas áreas da educação, saúde e assistência social.

“ESTOU ANIMADO COM SEU ANÚNCIO DE UM ACORDO COM O FMI E ACREDITO QUE A FIRME E SUSTENTADA IMPLEMENTAÇÃO DESSE PLANO FORNECERÁ UMA BASE SÓLIDA PARA UMA CONFIANÇA RECUPERADA E PARA UM CRESCIMENTO RENOVADO”.

Bill Clinton,
presidente dos EUA, em carta ao presidente Fernando Henrique